

João Carlos
Garcia

Miguel
Nogueira

Os sermões da Restauração (1640-1668)

Os sermões da Restauração (1640-1668):

Um exercício cartográfico

Por João Carlos Garcia & Miguel Nogueira

477

A figuração gráfica através de mapas, de informações com componente espacial inseridas em documentos históricos, revela-se para o cartógrafo e para o geógrafo, uma muito interessante mas pouco fácil tarefa. O contributo do historiador é imprescindível em todas as etapas do processo, desde a recolha, selecção e leitura de fontes até à contextualização epocal da documentação em estudo¹. A quem se preocupa com o espaço cabe a atenção a ter com a evolução dos aspectos naturais e da organização da actividade humana nas áreas, regiões ou territórios a que respeitam as fontes. Para levar a bom termo a tarefa, assim como o historiador terá toda a vantagem em cruzar diversos tipos de fontes, dos vestígios arqueológicos e dos documentos escritos aos resultados de estudos filológicos ou toponímicos, também o geógrafo e o cartógrafo terão em consideração análises de climatologia e de geomorfologia históricas, de pedologia e de biogeografia, de geografia regional ou urbana, etc, mas particularmente, toda a cartografia de base e temática, a diversas escalas, em torno do espaço considerado². Poderemos então iniciar a discussão sobre a cartografia de determinada informação histórica.

1. Vem tudo isto a propósito de um pequeno exercício cartográfico que tentámos a partir de um interessante quadro intitulado "Sermões Manuscritos e Impressos", inserto na obra de João Francisco Marques, *A Parenética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668. A Revolta e a Mentalidade*³. O autor utiliza-o repetidamente e mesmo para uma leitura geográfica, em particular no Capítulo IV da I Parte do estudo, intitulado: "Dimensão geográfica da Parenética da Restauração"⁴. Aí, com base em dois mapas analíticos, um gráfico e vários quadros estatísticos, traça uma cuidada imagem da repartição espacial da pregação de sermões durante a época da Restauração⁵. Lidos e ponderados os comentários do autor, mais nos

Sobre as interpretações cartográficas de fontes históricas elaboradas pelos historiadores e pelos arqueólogos portugueses ver: Júlia Galego et. al. - "Leitura crítica de interpretações cartográficas de fontes medievais portuguesas" in *Actas. Jornadas de História Medieval - 1383/1385 e a crise geral dos séculos XIV-XV*, Lisboa, História e Crítica, 1985, pp. 348-355 e Pedro Freitas - "Arqueologia pré-histórica em Portugal, 1969-1989: uma crítica cartográfica", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 39, 1-2, 1999, pp. 141-166. Entenda-se *Cartografia*, a partir da definição aprovada pela Associação Cartográfica Internacional e internacionalmente aceite em 1967 e divulgada em 1973, como "o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que intervêm a partir dos resultados das observações directas ou da exploração de documentação variada, com vista à elaboração e obtenção de mapas, plantas e outros modos de expressão, assim como da sua utilização" (Maria Helena Dias - *Programa de Expressão Gráfica*, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1993, p. 19). INIC, Porto, 1989, II, pp. 461-470. *Ibid.*, I, pp. 79-94.

Refere mesmo o autor quanto à metodologia: "Recorreu-se também à quantificação do que era susceptível de nos fornecer índices numéricos, a fim de se poder cartografar um conjunto de realidades através dos dados." (*Ibid.*, I, p. 15).

atraiu uma nova visita ao quadro geral. Existiam aí preciosos elementos espaciais que permitiam outras figurações cartográficas. Para cada sermão, os dados divulgados incluíam, para além da informação sobre o Título, o Autor e o seu Estado Religioso, o Lugar e a Data da Pregação e o Local e a Data da Edição (caso o texto tivesse sido impresso). Com base no arrolamento dos locais de pregação e de publicação dos sermões, estava encontrado um conjunto de dados com uma importante componente espacial passível de ser representada num mapa temático⁶. Um primeiro passo no processo de construção cartográfica que nos propomos descrever.

478

Uma segunda etapa do trabalho consistiu na análise, selecção e classificação dos dados. Foram estabelecidos quadros estatísticos com o número de sermões: por ano, por tema, por lugar de pregação em geral e segundo cada ordem religiosa e por local de edição. A partir da evolução anual foi construído um gráfico de dispersão (Fig. 1), que levantou a hipótese da análise da distribuição geográfica dos lugares de pregação poder ser feita segundo cortes temporais, por décadas. Contudo, construídos os quadros e os mapas em função dos temas e da repartição geográfica, tal possibilidade revelou-se com pouco significado cartográfico, tendo-se optado apenas por uma representação em gráfico (Fig. 2). Um outro aspecto para o qual a nossa decisão de não cartografar também foi tomada - opção difícil mas obrigatória -, ligou-se aos locais de edição, apenas quatro em Portugal (e quatro no estrangeiro), que não teria sentido fazer visualizar num mapa, antes e apenas comentar em texto. O mesmo decidimos ainda sobre os lugares de pregação fora de Portugal continental. Finalmente, consideramos apenas isoladamente as Ordens Religiosas com maior número de sermões pregados: Jesuítas (50), Franciscanos (27), Carmelitas (19), Dominicanos (14), Agostinhos (13), distribuindo-se os restantes 44 sermões por 8 distintas Ordens. Assim, a *simplificação* consistiu na associação de informação de modo a originar uma generalização cartográfica, quase sempre imprescindível para que o rol de dados possa apresentar uma eficaz expressão gráfica, que a sua variedade comprometeria.

Como conclusão e como alternativa a uma multiplicação de mapas de análise em que seria apenas figurado um aspecto isolado, surgiam dois possíveis mapas de síntese, onde informações quantitativas e qualitativas se poderiam conjugar, numa distribuição espacial: o número de sermões segundo as distintas ordens religiosas que os pregaram, por lugar, e o número de sermões segundo os principais temas, também por lugar. Para o primeiro, um mapa de símbolos proporcionais, foram tidas em consideração duas variáveis visuais (uma de imagem e outra de separação), o *tamanho* e *& forma*. No segundo, um mapa de círculos proporcionais, foi considerada a divisão interna de cada um deles em sectogramas, tendo por base as variáveis visuais *tamanho* e *cor*. A reflexão sobre um terceiro mapa surgiu posteriormente.

Procedeu-se em seguida, à identificação de todos os lugares seleccionados e a sua projecção numa base cartográfica do território português com os limites existentes no século XVII. Para essa base de trabalho foi escolhida a escala de 1:250.000, de modo a permitir uma

⁶ Mapa temático é o mapa que "representa, sobre um fundo mais ou menos simplificado (mapa topográfico ou informações recolhidas deste ou de outro tipo de mapas), fenómenos localizáveis de qualquer natureza, qualitativos ou quantitativos" (M. H. Dias - *Op. C/t*, p. 20).

localização mais precisa de cada topónimo. A redução definitiva de escala seria feita depois do estudo concluído, em função da mancha gráfica da publicação. Novos acertos teriam então de ser feitos seguramente. Estavam assim reunidos os elementos para proceder à cartografia temática de outros elementos retirados, analisados e tratados a partir da fonte.

A etapa seguinte foi a da *simbolização*, o passo para a criação física do documento ou a codificação dos dados, que passam a símbolos gráficos num suporte bidimensional. O primeiro mapa tem como informações a figurar as diferentes ordens religiosas e os lugares onde estas pregaram os sermões. Assim, o objectivo é num primeiro nível de leitura, *onde* é que as ordens religiosas celebraram os sermões, num segundo, *que ordens* celebraram os sermões em determinados lugares, e num último, realçar o *número de sermões* que cada uma das ordens pregou nos diferentes lugares.

Assim, procedeu-se à escolha de um símbolo a associar a cada uma das ordens religiosas, tendo o cuidado em utilizar uma simbologia cuja *forma* diferente fosse, no entanto, semelhante, afim de evitar que distintas formas geométricas pudessem ocultar ou exagerar determinado valor quantitativo. Foi assim tida em conta a circunferência, fazendo variar o preenchimento do círculo. O resultado é um mapa onde ao maior número de sermões celebrados corresponde um símbolo de maior dimensão, e vice versa⁷.

No segundo mapa é figurada a informação sobre o tema do sermão celebrado pelas ordens religiosas (a partir do seu título), segundo o lugar. Se a informação sobre onde os sermões são pregados coincide, naturalmente, com a imagem anterior, importa agora realçar *como é distinto o assunto* de cada sermão. O círculo, cuja variação na dimensão é directamente proporcional ao número de sermões, está dividido em sectores cuja cor corresponde aos vários temas tratados.

O terceiro mapa tem, como principal objectivo, apresentar alguns elementos que poderão ajudar à explicação e interpretação de determinados resultados obtidos nos mapas anteriores. É assim uma imagem de enquadramento e de contextualização mas que funciona autónoma, por si, como deveria acontecer com qualquer mapa divulgado. Como elementos do fundo de mapa são utilizados, quer a rede hidrográfica principal, quer a hipsometria de Portugal Continental, elementos de referenciação espacial. Estes aspectos servem apenas para uma melhor localização, quer absoluta, quer relativa, dos principais fenómenos a figurar que, como dissemos, se relacionam directamente com os mapas já elaborados.

Assim, estão presentes para o conjunto do território nacional, a distribuição dos principais aglomerados populacionais (mais de 500 vizinhos) em 1639, a distribuição das comunidades religiosas, e ainda, os principais eixos de penetração no território português dos exércitos espanhóis durante a Guerra da Restauração⁸. Para o primeiro fenómeno e perante

⁷ Recordaríamos que em função da escala do mapa e da variação entre os valores extremos, deverão ser tidas em consideração as dimensões mínima e máxima a atribuir aos círculos correspondentes aos dados absolutos a cartografar.

⁸ Para o primeiro conjunto de informação baseámo-nos em J. Veríssimo Serrão - *História de Portugal (1580-1640)*, 2ª ed., Verbo, Lisboa, 1979, V, p. 265-275, em particular o quadro da p. 272; para o segundo conjunto, no ponto 4 do Apêndice da citada obra de João Francisco Marques, 1989, II, p. 505-524 e, para o terceiro, na Fig. 9 inserida na *História de Portugal* de A. H. de Oliveira Marques, IOF ed., Palas Ed., Lisboa, 1984, II, p. 184.

dados quantitativos simples foi uma vez mais escolhida a variável visual *tamanho*; para o segundo, às implantações pontuais localizadas correspondendo às diferentes ordens religiosas, foram naturalmente atribuídas as mesmas formas escolhidas no segundo mapa; finalmente, para as incursões militares, utilizaram-se simples implantações lineares, opção igual à da rede hidrográfica. As classes de altitude visualizam-se através de uma progressão de *valor*, dada por tons de cinzento. Completou-se, deste modo, o processo cartográfico, completamente assistido por computador, procedendo-se à *impressão* dos resultados finais.

2. Antes de observarmos as nossas interpretações gráficas, atentemos sobre o que João Marques nos diz sobre as fontes no estudo da Parenética: "Na falta de um *corpus* do sermão português, a pesquisa remete-nos para uma beneditina procura em repertórios e catálogos, bibliografias e ficheiros de bibliotecas e arquivos numa primeira localização de peças cuja descrição aponte ou sugira uma ligação expressa ou implícita com o sucesso histórico em causa. É ainda preciso compulsar numerosíssimas miscelâneas e obras oratórias onde se acolhe a produção parenética de seiscentos"⁹. A busca possibilitou a reunião de 168 espécimes maioritariamente impressos (15 manuscritos) e correspondentes apenas e, naturalmente, a pregações extraordinárias. Para os sermões "normais" não existem fontes, apenas de modo esporádico, por algum particular motivo, nos podem indirectamente chegar informações. "A maioria, pois, da pregação não transpõe o limite da oralidade (...). Será preciso assim detectada em múltiplas partes: relações, gazetas, crónicas, epistolámos, actas de vereações, memorandos, memórias, panfletos, etc."¹⁰.

João Marques sintetiza brevemente os vários tipos de pregação de modo a enquadrar e a clarificar os casos da restauracionista. Assim, a pregação pastoral ou ordinária, pode ser catequética ou homiliética e a pregação de ocasião ou extraordinária pode ser encomiástica (panegírico e oração fúnebre), deprecatória, eucarística e gratulatória. A parenética da Restauração é extraordinária, é uma pregação de conjuntura e, os textos reunidos pelo autor, podem ser classificados em eucarísticos, congratulatórios, deprecatórios, panegíricos e orações fúnebres¹¹. Tentámos que a nossa classificação temática não esquecesse, naturalmente, esta tipologia da oratória sagrada.

Observemos agora os resultados estatísticos e cartográficos, partindo da evolução temporal do número de sermões pregados entre 1640 e 1668, em todo o país, não esquecendo, como acabamos de concluir, que os inventariados são apenas os excepcionais que, por o serem passam a letra impressa.

⁹ João Marques, *Op. Cit.*, I, p. 7.

¹⁰ *Ibid.*, p. 6.

¹¹ *Ibid.*, p. 8.

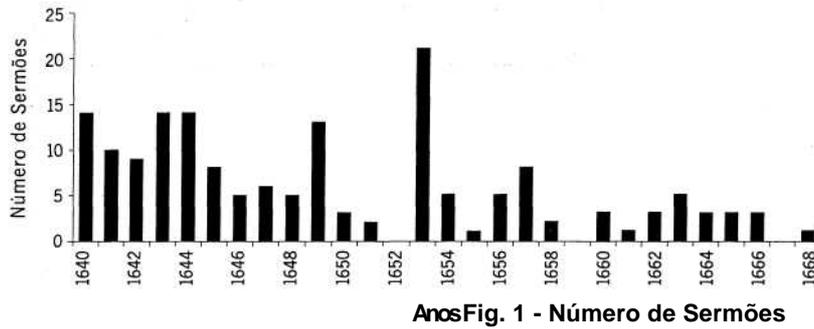


Fig. 1 - Número de Sermões Impressos e Manuscritos entre 1640 e 1668

No decénio de 1640-1649 foram pregados 98 sermões, na década seguinte o número desceu para os 47 e, entre 1660 e 1668, foram contabilizados apenas 22 sermões. Como pode ser observado, embora o número global de sermões seja elevado, há um progressivo decréscimo que o fim da primeira parte das Guerras da Restauração pode explicar (Fig. 1). O "pico" de 1643-1644 relaciona-se claramente com o "sucesso das armas" e o de 1649 com as exéquias do Infante D. Duarte, 8 sermões num conjunto de 13. Entre 1652 e 1668 poucos são os importantes sermões pregados em cada ano e pouca a variabilidade interanual, embora o período se inicie com os muitos sermões em torno das exéquias do Infante D. Teodósio, em 1653, 11 num total de 21. Toda esta contagem tinha como principal finalidade definir dois ou mais períodos que permitissem, através da representação cartográfica, visualizar uma evolução espacial das variáveis em causa ao longo do tempo.

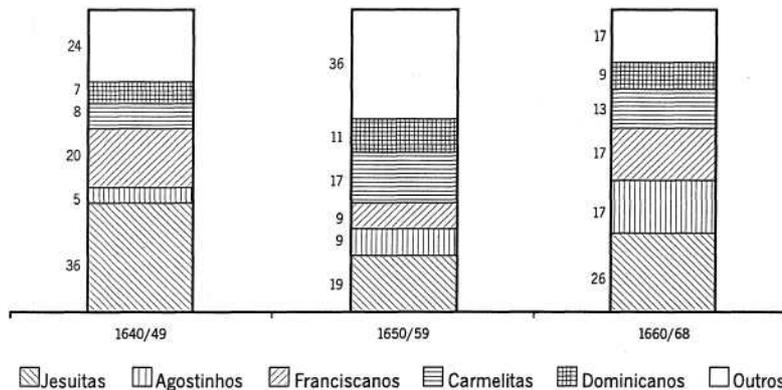
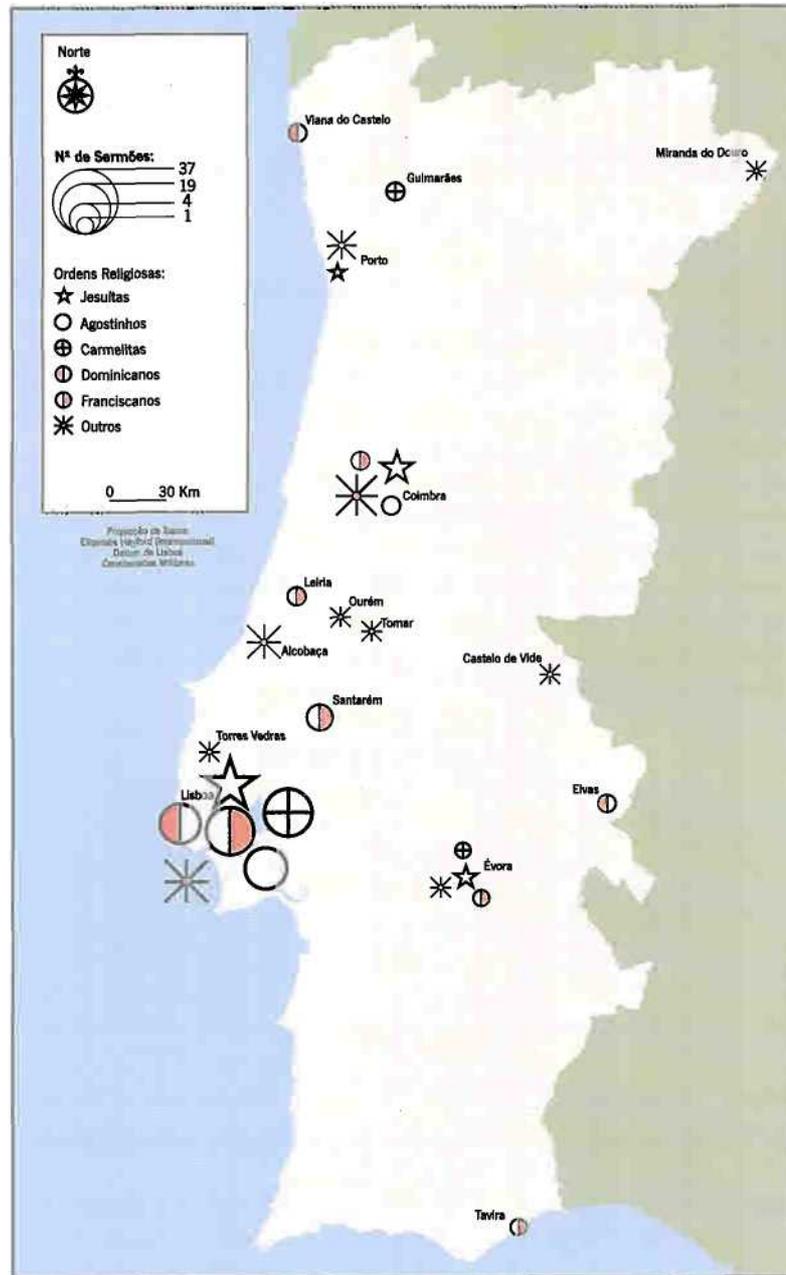


Fig. 2 - Contributo das Ordens Religiosas no total de Sermões pregados (%)

Numa perspectiva cronológica, e dividido o período em estudo por três decénios, algumas observações são de registar (Fig. 2). Assim, na década de 40, são os Jesuítas que dominam mais de um terço do total de sermões pregados, seguidos pelos Franciscanos com um quinto desse mesmo total. Entre 1650 e 1659, os Jesuítas vêm diminuir a sua acção, assim como os Franciscanos. São outras as ordens religiosas que se impõem, como os Carmelitas ou os Dominicanos. Na década de 1660, os Jesuítas voltam a afirmar a sua liderança, seguidos dos Agostinhos e dos Franciscanos.

A pregação de Sermões pelas Ordens Religiosas, em Portugal (1640-1668)

482



Fonte:
João Marques, II vol., 1989, pp. 461-470
Carta Administrativa de Portugal (Atlas do Ambiente), escala 1:250.000, Direcção Geral do Ambiente, 1994

FLUP
SDI / Cartografia
Vigal Negreira / 2000

Fig. 3 - A pregação de Sermões pelas Ordens Religiosas em Portugal (1640-1668)

Numa análise espacial de conjunto retomemos, antes de mais, a imagem da concentração dos sermões pregados num número muito reduzido de locais, existindo assim vastas áreas do território estranhamente "vazias" (Fig. 3). A importância demográfica dos centros e a repartição da população poderiam ser factores explicativos mas, confrontando a Fig. 3 com a imagem da Fig. 6, que diz da concentração de vilas e cidades no Alto Alentejo face ao número escasso de sermões ali pregados? Mas existem "vazios mais definitivos" no espaço nacional, que não foram contemplados com qualquer sermão referenciado. Apontem-se assim as Beiras (interior e litoral) ou o Baixo Alentejo, ou então o Algarve ou Trás-os-Montes onde se registou apenas um sermão! Como João Marques recorda, não deverá ser esquecido que os sermões não são a única forma de propagar a mensagem; se eles são um particular discurso para uma população culta e urbana a cargo de famosos pregadores "profissionais", outra variante deverá ser referida - a pregação;homiliética -, como forma de descobrir e discutir os mesmos assuntos um pouco por toda a parte. Mas, observemos os núcleos urbanos.

Lisboa é a capital onde, sem excepção, todas as Ordens Religiosas, com especial destaque para os Jesuítas, intensificam as suas intervenções, num total de 99 sermões pregados. Surge depois Coimbra (20), Évora (7) e Porto (5) como palcos preferenciais para a actuação dos pregadores, embora seja de notar que nenhuma das três cidades conseguiu reunir o interesse de todas as ordens, com excepção dos Jesuítas¹². Mas são ora os Dominicanos e os Carmelitas em Évora, ou os Agostinhos e os Franciscanos em Coimbra ou outras Ordens de menor importância no Porto, que elegem estas cidades como lugar de pregação. Todos os outros locais assinalados no mapa registaram um número muito restrito de sermões, e esses são, na sua maioria, visitados por pregadores de Ordens Religiosas de menor importância. Uma referência final para os valores em espaços fora do território português (continental): Goa (6 sermões), Angra (3 sermões), Baía, Pernambuco e Maranhão (2 sermões cada), Funchal, Rio de Janeiro, Macau, Londres, Paris e Roma (1 sermão cada)¹³.

Um outro conjunto de informação que permitiu a sua representação cartográfica relaciona-se com o tema que domina os sermões nas diferentes décadas em análise (Fig. 4). Assim, são os temas religiosos os mais presentes nos sermões pregados na primeira década em estudo, seguidos por assuntos relacionados com festividades da família real. A nova dinastia cuida da sua imagem por todo o país. Entre 1650 e 1659 mais de metade dos sermões prendem-se com as exéquias do príncipe D. Teodósio, em 1653 e de D. João IV em 1656, e nos 8 anos considerados da década de 60, são de novo os temas religiosos a preponderar, embora as últimas batalhas da Restauração monopolizem, em parte, a atenção dos pregadores, representando 22% da totalidade.

² "Se Évora surge após Coimbra, justifica-se não só pela sua importância política e universitária, mas ainda por se encontrar na zona de operações militares com Espanha" (João Marques - *Op. c/t*, 1989, í, p. 91).

³ Os correspondentes valores percentuais são os seguintes: Metrópole - 88%, Ilhas Adjacentes 2%, Ultramar - 8% e Estrangeiro - 2% (João Marques - *Op. c/í.*, 1989, I, p. 84).

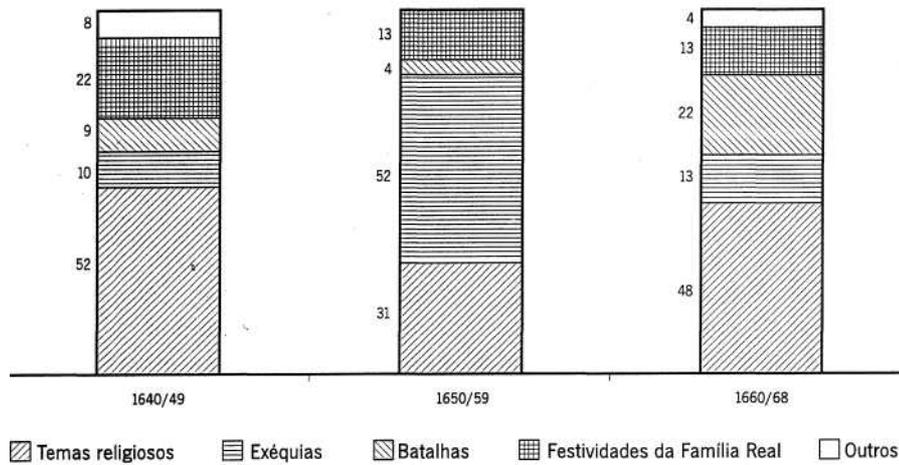


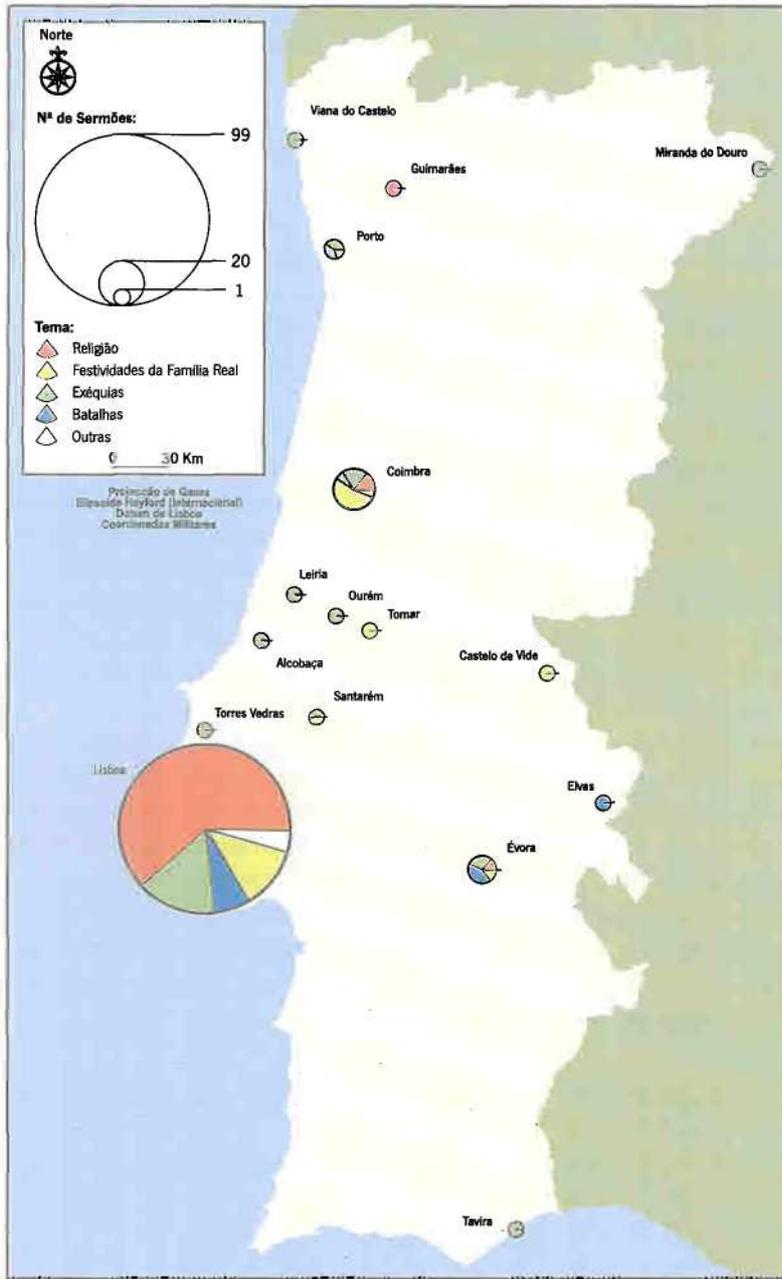
Fig. 4 – Temas dos Sermões pregados (%)

Observemos agora a repartição espacial dos lugares onde foram pregados sermões, por tema abordado (Fig. 5). Sabemos já que é em Lisboa que se concentra o maior número de sermões, dominando de forma clara os conteúdos religiosos, mas onde todos os temas identificados têm uma forte expressão. João Marques não deixa de referir na capital, os mais reputados locais de pregação: a Capela Real (34% dos sermões), o Convento do Carmo (10%), a Sé Catedral e o Terreiro do Paço¹⁴. Considerando a carga simbólica àe tais púlpitos é natural que a publicação dos discursos não fosse difícil junto dos editores, que se concentravam justamente em Lisboa. Bastará referir que cerca de 85% dos sermões editados o foram nesta cidade, contra 12% em Coimbra. Os restantes saíram isolados dos prelos de Évora, de Goa, de La Rochelle, de Paris e de Londres.

No cômputo geral dos sermões pregados, depois da capital, seguem-se as cidades já apontadas anteriormente (Coimbra, Évora e Porto). Alguns reparos deverão ser feitos. O único sermão registado em Eivas, a mais importante das praças militares portuguesas, situada numa região permanentemente assolada pelas incursões espanholas, intitula-se *Sermão das Preces quando o exército devia entrar em Castela*. Na mesma região, e assim, pelas mesmas razões, em Évora, à semelhança de Eivas (embora com outra expressão no total de sermões), o tema das batalhas domina também os assuntos tratados. Um último comentário para o caso de Coimbra onde as festividades da família real repetidamente foram celebradas em Sta. Cruz, no Colégio dos Jesuítas ou no Colégio das Artes. Festividades ou exéquias, quando acontecem, pelo seu carácter de quase obrigatoriedade, manifestam-se por todo o país, mesmo em centros mais pequenos como Ourem, Castelo de Vide ou Miranda do Douro.

¹⁴ João Marques, *Op. Cit.*, I, p. 86.

Os principais temas de Sermões pregados em Portugal, entre 1640 e 1668



Fonte:
João Marques, II vol., 1989, pp. 461-470
Carta Administrativa de Portugal (Atlas do Ambiente), escala 1:250.000, Direcção Geral do Ambiente, 1994

FLUP
SDI / Cartografia
Miguel Nogueira / 2000

Fig. 5 - Os principais temas de Sermões pregados em Portugal, entre 1640 e 1668

A finalizar, algumas reflexões com base na comparação entre os mapas. A distribuição espacial do número de sermões por Ordem Religiosa reflecte a implantação das distintas agremiações monásticas existentes no país, explicando assim os "vazios" de pregação em extensas áreas do território nacional? Assim não nos parece. Ao observarmos a Fig. 6, repare-se na concentração de comunidades religiosas no Entre Douro e Minho, ao longo do vale do Douro, no Algarve litoral ou até mesmo no Alentejo interior. Esta última região apresenta um conjunto significativo de lugares, vilas e cidades com uma importante expressão demográfica (Portalegre, Estremoz, Vila Viçosa, Eivas, Évora, Montemor-o-Novo, Beja, Moura ou Serpa), se considerarmos que os aspectos naturais não condicionariam (antes facilitaríamos) o acesso à capital. E se considerarmos que no período em análise todo o território é fértil em confrontos armados com os espanhóis, não se compreende como os sermões, veículo privilegiado de encorajamento e conselho, e com uma matriz política, atentos à defesa e consolidação da independência restaurada, não tenham tido uma maior importância à escala regional e local neste vasto espaço.

Leitura semelhante se poderá fazer para a região mais a Norte, em Riba Côa, espaço também ele privilegiado das investidas espanholas, onde nenhum sermão, sob a responsabilidade de qualquer ordem ou a propósito de qualquer tema tenha sobrevivido através de fontes directas ou indirectas¹⁵. Contudo, aglomerados populacionais como Pinhel, Guarda, Covilhã, Penamacor ou Idanha-a-Nova detêm uma relativa importância económica e demográfica. Finalmente, o Entre Douro e Minho, com uma densidade considerável de comunidades religiosas e reunindo uma notável massa populacional justificativa de uma maior atenção por parte dos religiosos, ouviu os escassos sermões concentrados nas cidades de Guimarães, Viana do Castelo e Porto.

Temos consciência que se trata da figuração da repartição de um determinado tipo de discurso que sobreviveu apenas pela fixação através da escrita, mas entre a realidade demográfica, económica e social de Portugal e a Geografia da Perenética da Restauração existiram fortes contrastes que as imagens cartográficas elaboradas claramente demonstram. A relação entre espaços de poder e locais privilegiados de pregação é directa: é nas grandes cidades do centro litoral do país, em particular Lisboa, corte e capital macrocéfala, onde tudo acontece e se decide. É aí que o discurso político e a oratória sagrada se encontram e se confundem. A teia da organização centralizada do espaço nacional conhece, nesta segunda metade do século XVII, mais um momento de consolidação.

¹⁵ Para uma reconstituição cartográfica das guerras da Restauração entre Douro e Tejo, ver de Rui Alcântara Carreira - "Um espaço de conflito: a fronteira da Beira (1663-1667)" in *Actas do VI Colóquio ibérico de Geografia*, Porto, 1992, Universidade do Porto, 1996, III, pp. 1211-1218.

As Ordens Religiosas em Portugal na 1ª metade do século XVII

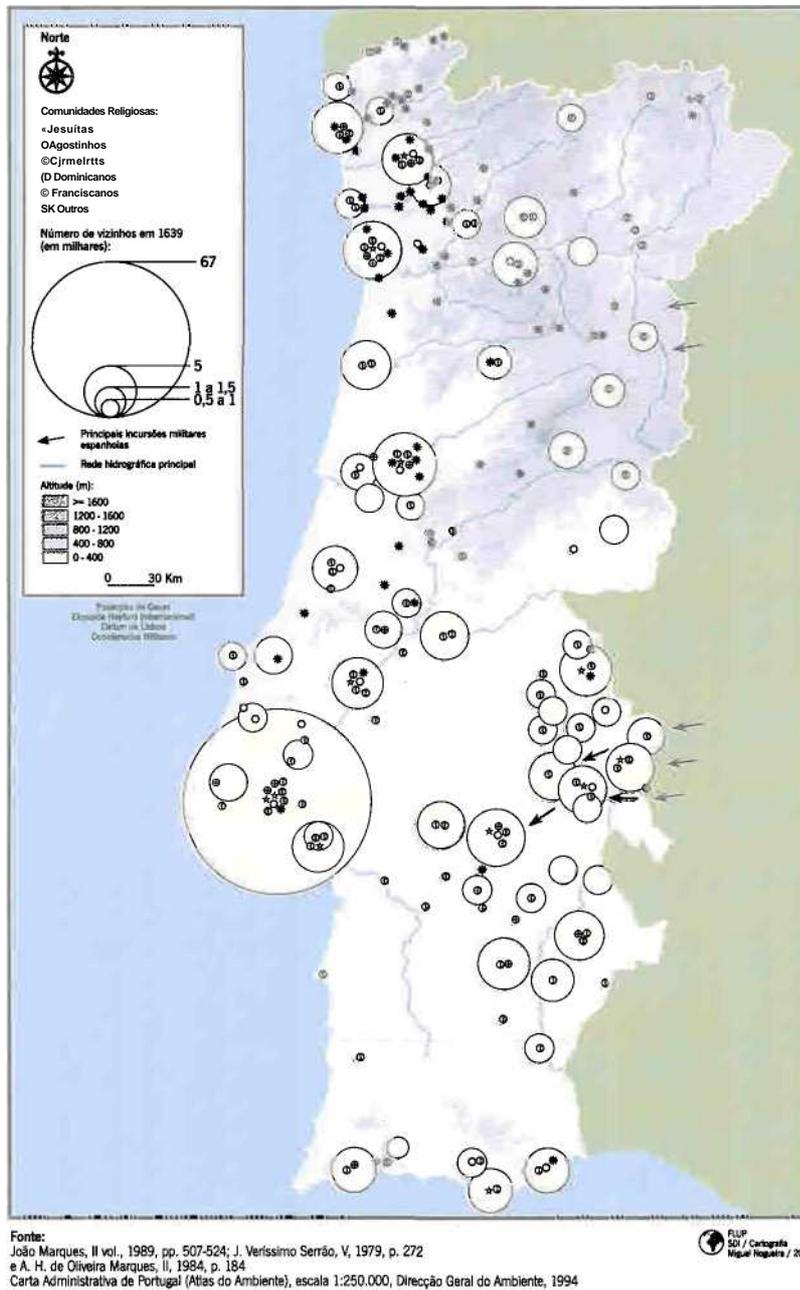


Fig. 6 - As Ordens Religiosas em Portugal na 1ª metade do século XVII

Fonte: João Marques, vol. II, pp. 507-524; J. Veríssimo Serrão, 1979, p. 272 e A. H. de Oliveira Marques, II, 1984, p. 184. *Carta Administrativa de Portugal (Atlas do Ambiente)*, escala 1:250 000, Direcção Geral do Ambiente, 1994.